

JOCA REINERS TERRON

**NÃO HÁ
NADA LÁ**



MÁ COMPANHIA

Copyright do texto e das ilustrações © 2011 by Joca Reiners Terron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina_78

Preparação

Amelinha Nogueira

Revisão

Renata Del Nero

Carmen S. da Costa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terron, Joca Reiners

Não há nada lá / Joca Reiners Terron. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1940-0

1. Ficção brasileira I. Título.

11-07799

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

48.

Nada, nenhuma luz no horizonte a definir a latitude em que se encontrava, nenhum farol ou ilha, apenas estrelas mortas e a longa noite de tempestades à sua frente. Escalou o mastro principal da embarcação até perceber as montanhas a estibordo. Acima do tapete de nuvens púrpuras, um anjo de asas negras emitia um som agudo e terrível.

Guilherme Burgos senta-se numa cadeira nos fundos de sua casa em Lawrence, Kansas. É o dia 2 de agosto de 1997. Há um livro em suas mãos, ele ruma as palavras, escapa daquelas linhas enigmáticas e olha para o céu. Uma britadeira matraqueia ao largo da sequência de cercas da vizinhança, ocasionando um estranho fenômeno em seu cérebro. A mente de Guilherme Burgos funciona através de elipses, pensamentos circulares que se interrompem e retornam em fluxos repentinos. Tentado pela absoluta felicidade existente no círculo, por onde os outros amiúde começam, ele ousa terminar. E vice-versa. Guilherme Burgos ganhou a vida como escritor e agora, em seus estertores, qualquer barulhinho o impede de recuperar a confusão que tornou seu trabalho literário tão cultuado.

Apesar da perturbação, entretanto, Guilherme Burgos obtém um raro pensamento límpido na tarde luminosa de verão do meio-oeste americano.

E risca com a ponta da unha a textura envelhecida do couro que reveste o livro em suas mãos. “Não me parece restar tempo para você neste mundo, meu velho. A perfeição, simplesmente, de uma hora para outra, deixou de existir para nós. Pergunto-me como seria a morte do livro. Diga, como morrem os objetos perfeitos?” Ele levanta o olhar, alvejando a revoada de aves sobre sua cabeça, “Teriam uma morte semelhante à dos pássaros, páginas transformadas em asas, voando rente ao oceano em busca do turbilhão perfeito onde mergulhar? Suas asas imprimindo um rastro de palavras no céu, frases de adeus inscritas nas nuvens”. Ergue-se de sua cadeira, o livro seguro nas mãos como se abrigasse um pombo negro, e o lança para o alto. As páginas do livro se abrem feito asas e formam o ângulo exato, alçando voo, ao passo que Guilherme Burgos permanece com os braços para cima, vaticinando aos céus: “Não há fim para o céu ou o livro”.

Nesse instante em torno às nuvens que cobrem o quintal de sua casa estrutura-se um cubo gigantesco. O voo do livro é interrompido, mas ele permanece suspenso no ar, exatamente no centro do feixe de luz. Após alguns segundos, o objeto geométrico começa a girar e o livro desaparece, como se nunca tivesse existido.

Guilherme Burgos fica ali, estupefato. Tudo permanece claro ante o Tesseract surgindo no céu.

Diante do palacete com centenas de aposentos que sua mãe mantém no nº 50 da rue de Chaillot, em Paris, Raimundo Roussel avalia os danos sofridos pela *roulotte* no último passeio, enquanto cofia o bigode, preocupado.

As rodas da *roulotte*, adaptadas de uma carruagem convencional para aquele fabuloso coche a motor, estão levemente amassadas, em consequência do peso considerável da banheira de bronze que o carro transporta e da irresponsabilidade de seu condutor.

No início da tarde do dia 13 de agosto de 1926, a figura reverendíssima de sua santidade, o papa Pio XI, dirige-se ao palacete de mme. Margarida Moreau-Chaslou, mãe de Raimundo Roussel. Todas as grandes autoridades da Europa, dentre elas consagrados escritores, artistas e cientistas, visitaram a maravilha sobre rodas de Paris.

Para coroar a trajetória gloriosa do *trailer* inventado por Raimundo Roussel, sempre descrito através de exclamações beirando o êxtase, falta apenas a bênção papal. Daí a compreensível irritação de seu proprietário, ao responsabilizar o chofer pelos danos causados à *roulotte* numa ocasião tão pouco propícia.

46.

Na noite de 14 de outubro de 1970, num apartamento imundo do bairro londrino de Kensington, cercado por *hippies* piolhentos vindos dos mais longínquos extremos do planeta, Torquato Neto aguarda o Grande Guitarrista. Com um *spliff* de haxixe numa mão, passando, depois de um gole, a garrafa de uísque a Carlo, o taitiano molambento sentado ao seu lado, Torquato Neto, em total estado de confusão mental, espera a chegada do Grande Guitarrista.

A babel polilíngue confinada à sala de Noel, um chileno expatriado, anseia pela prometida chegada do Grande Guitarrista, enquanto Torquato Neto pensa em areia branca, recortes verdes das letras garrafais de uma revista contrapostos ao céu luminoso, mesas desmontáveis dos camelôs de badulaques e um veloz ônibus azul em movimento pelas avenidas da Guanabara.

Ao ouvir o burburinho excitado dos convivas, Torquato Neto levanta os olhos e vê o Grande Guitarrista Jaime Hendrix com seu olhar esgazeado e um grande chapéu de plumas lilases, primeiro emoldurado pelo batente da porta, depois oculto pelos cumprimentos efusivos dos cabeludos.

No dia 21 de maio de 1867 o jovem uruguaio Isidoro Ducasse coloca a bagagem de mão no maleiro acima de sua poltrona, no vagão do trem que parte de Tarbes com destino a Bordeaux.

Ao dispor seus pertences no exíguo compartimento de bagagens, derruba com estardalhaço a valise de outro passageiro, esparramando os livros de seu interior. Enquanto pede desculpas a esmo, vê-se diante dos protestos do proprietário da mala, um pederasta já entrado em anos. Um tanto constrangido com a severidade reprovativa do senhor, Isidoro Ducasse se esforça em recolher os livros com rapidez, mas ao deitar sua face no corredor do vagão, a fim de alcançar certo volume caído sob a poltrona, vê emanar um brilho fantasmagórico da capa e nota o seu estranho título: *As Flores do Mal*.

Isidoro Ducasse, encantado pelo livro, o alcança para escondê-lo em seu sobretudo, alheio à vigilância perscrutadora do pederasta ancião.

44.

Na noite de 18 de julho de 1881, Arthur Rimbaud envereda por um atalho de terra batida carregando dois baldes d'água, quando é surpreendido pelo estampido de tiros ao longe.

Arthur Rimbaud embrenha-se na vegetação ribeirinha e observa através das folhagens um pequeno casebre do outro lado do Tayban, arroio próximo a Fort Sumners, um entreposto militar na divisa do Texas com o Novo México. Na varanda, alguns mexicanos curiosos e dois americanos armados veem emergir do escuro interior da casa o xerife Patrício Garret, com aspecto triunfante. Um uivo corta a distância existente entre a varanda, os mexicanos, os homens armados, os cavalos amarrados diante da casa, a margem esquerda do arroio, o arroio, a margem direita do arroio, as folhagens, até atingir os tímpanos de Arthur Rimbaud: “Gui-O-Guri está morto! Matei Gui-O-Guri!”.

43.

Fernando Pessoa teme que essa aventura acabe numa pneumonia, pois o vento na Boca do Inferno se apresenta absolutamente impiedoso na tarde de 25 de outubro de 1930. Fernando Pessoa retira então uma pequena garrafa metálica do bolso superior de seu paletó e entorna um longo trago de aguardente, fazendo uma careta.

A paisagem árida ao norte de Cascais, com seus penhascos íngremes, tem como único atrativo as ondas enormes que arrebatam contra as escarpas dos rochedos, levantando espumas à altura do chapéu de feltro de Fernando Pessoa, a encobrir sua cabeça calva e urdidora dos dramas característicos de uma personalidade conflituosa.

Ao longe, a figura envolta em brumas caminha na sua direção, a capa esvoaçante lutando contra o vento. Fernando Pessoa puxa do relógio guardado em seu colete e atesta a tão propalada pontualidade britânica do mago Alistério Crowley, pois este chega no horário exato que haviam combinado.

42.

Na manhã de 13 de julho de 1917, Lúcia desanda a correr, adiantando-se às outras crianças. Ela desce a encosta da Cova da Iria, próxima à vila de Aljustrel, mas com tal ímpeto que termina por deixá-las para trás.

Quando atravessa o denso emaranhado de ameixeiras que circundam o topo do morrete, sente uma presença estranha ao seu redor. Olha então para os lados e vê minúsculos diabos vermelhos brincando nos galhos das árvores.

Lúcia grita por Jacinta e Francisco, e prossegue, desabalada, a escalar a colina, pisoteando os demoniozinhos que despencam das árvores às gargalhadas por onde ela passa. Ao chegar no topo, a Senhora já a está aguardando, sobre a azinheira circundada por luzes, acima de uma nuvem espetacular, com uma capa azul cravejada de pedrarias sobre os ombros: “Olá, minha querida Lúcia, sente-se e descanse, enquanto aguardamos as outras crianças. Descanse bem, pois hoje lhes mostrarei o Inferno”.

A capa do livro jogado no solo do quintal de Guilherme Burgos reflete o vulto do gigantesco Tesseract girando no céu. O livro tem palavras rasuradas por dentro e por fora e está selado com sete selos. Imagens cambiantes ilustram os selos, que emitem um agudo zumbido de estática. Guilherme Burgos parece extasiado com a completa dessimilitude entre os dois objetos. A incongruência do Tesseract, um improvável cubo quadridimensional, parece mais evidente contraposta à perfeição do livro. Guilherme Burgos tenta focalizar as imagens surgidas nos sete selos, mas elas se sucedem numa velocidade vertiginosa, sem relação aparente entre si e, misturadas aos ruídos irritantes de britadeira dos quintais suburbanos de classe média de Kansas City, terminam por induzir Guilherme Burgos a um êxtase místico, levando-o a abrir o livro.

Ao observar outra vez o céu, Guilherme Burgos descobre que o Tesseract desapareceu.